Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS
Revista de Ciências Sociais / ISSN 2594-7664

REVISTA INTERAÇÕES SOCIAIS – REIS

Monstruosidade e educação: alguns rabiscos sobre a Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações

• T. Angel

RESUMO
O presente texto será em primeira ~~pessoa~~ monstra. Desobediente e aberrante. Sujo e marginal. Borrando as fronteiras do artigo e do ensaio visual. É um recorte do que tem sido desenvolvido na minha pesquisa de mestrado ou como prefiro chamar e faz mais sentido invocar e instaurar: monstrado. A pesquisa intitulada "Travessias de Monstruosidades: corpos docentes e discentes na educação" foi iniciada em 2021, no programa de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo na área da Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças. Aqui, vamos articular o recorte de monstruosidade que tenho acionado e uma reflexão sobre a "Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações" que eu, enquanto professora e monstra, venho instaurando. Estou há poucos passos da defesa. Um não fim. Um ritual de passagem. Mais uma metamorfose.

Palavras-chave
Educação; Corpo; Monstruosidade; Freak; Dissidência.

MONSTROSITY AND EDUCATION: SOME SCRAWLS ABOUT THE PEDAGOGY OF THE WEIRD OR THE PEDAGOGY OF THE FREAKS

ABSTRACT
This text will be in first ~~person~~ monster. Disobedient and aberrant. Dirty and marginal. Blurring the boundaries of the article and the visual essay. It is an excerpt from what has been developed in my master's research or as I prefer to call it and makes more sense to invoke and to put into place: monster's degree. The research entitled "Crossings of Monstrosities: docents and discents bodies in education" was initiated in 2021, in the master's program at the Faculty of Education of the University of São Paulo in the area of Education and Social Sciences: Inequalities and Differences. Here, we will articulate the monstrosity that I have been working on and a reflection on the "Pedagogy of the Weird or the Pedagogy of the Freaks" that I, as a teacher and monster, have been putting into place . I'm just a few steps away from the defense. A non-end. A rite of passage. Another metamorphosis.
.

Keywords
Education; Body; Monstrosity; Freak; Dissident.

Monstrologia e monstruosidade: um recorte

> "*Ball: Qual a sensação (...) Isso de mudar de forma. Dói ou… Perdão. Pergunta besta. Nimona: Sinceramente? Eu me sinto pior quando não mudo. É como se me desse um comichão. Sabe o segundo logo antes de espirrar? É tipo isso. Daí eu me metamorfoseio e me liberto. Ball: E se você resistir? Se não se metamorfosear? Nimona: Eu morreria. Ball: Santa Gloreth, que horror! Nimona: Deixa de ser ingênuo. Não é que eu morreria, mas eu também não estaria vivendo."* Nimona, 2023

É na obra "*Breve história do corpo e de seus monstros"* de Ieda Tucherman que encontro pela primeira vez e sempre entre aspas a palavra monstrologia. Utilizamos aqui monstrologia, Teoria dos Monstros, ou ainda, Estudos Monstros (*Monster Studies*) enquanto marcação pelas vias em que a travessia no monstrado se fez e se faz.

Tento escapar de algumas repetições (TUCHERMAN, 1999, p. 75) das explanações sobre monstruosidades, todavia, não terei receio em me repetir em alguns momentos. Por exemplo, considerando a sua importância, trazendo pontos da possível etimologia da palavra monstro e, principalmente, delineando qual recorte de monstruosidade estou a falar.

Percebo também, em razão da presente pesquisa, que no campo da monstrologia sempre se fala sobre um outro: o monstro. São recentes e ainda poucas as publicações dos monstros, monstres e monstras em primeira ~~pessoa~~ voz. Chamo a atenção aqui para as importantes contribuições epistemológicas de Suzy Shock, Paul Preciado, Jota Mombaça e Leticia Nascimento que foram fiéis companheires de travessia na pós-graduação (e vida). Perceba que menciono quatro monstruosidades que estão relacionadas com a dissidência sexo-gênero-corpo. A tônica está servida.

Então, aqui é o momento que me volto e re-volto para escrever sobre corporalidades e subjetividades monstruosas. Contemplando as metamorfoses, mutações, transformações que se manifestam e se comunicam através do corpo. Pensando o corpo não enquanto assunto mas como objeto de desenho (STELARC, 1997). O corpo enquanto um meio como propõe José Gil em "*Metamorfoses do corpo*":

> *"Sempre que falamos de "comunicar" com a natureza; sempre que o xamane pretende compreender a linguagem dos animais; sempre que as técnicas artesanais primitivas se referem aos materiais (à madeira, aos metais) como se se tratasse de seres vivos que é preciso "entender" - encontramo-nos perante um tipo de comunicação diferente da linguagem articulada e de qualquer código explícito. E qual é o médium utilizado? É o corpo, mas o corpo que abarca e atravessa todos os corpos individuais, é um corpo que contém em si a herança dos mortos e a marca social dos ritos".* (GIL, 1994, p. 43)

Esse corpo que contém e carrega a herança dos mortos e a marca social dos ritos é o meio e é por onde a travessia se inicia. Vamos caminhando. Pedindo a benção e celebrando quem veio antes de nós e "*para que nós possamos fazer sentido de nossas histórias e ensiná-las para nós mesmas e para aquelas que chegam depois de nós"* (ANZALDÚA, 2021, p. 189-190).

Quando falamos da categoria monstro/monstra/monstre precisamos definir de que lugar e em qual perspectiva estamos falando, considerando os seus variados significados e sentidos. Assim, iniciamos aqui o nosso recorte. Bisturi. Falo do lugar da monstra que reivindiquei para mim. Sutura.

Pensando em uma possível etimologia da palavra, segundo Jorge Leite Junior (LEITE, 2007), o termo monstro parece não possuir uma origem muito definida, o autor coloca que:

> *"Para Rosemarie Garland Thomson, tal palavra vem do latim monstra e significa "mostrar, apresentar". Jeffrey J. Cohen afirma que monstro deriva do latim monstrum, com significado de "aquele que revela, aquele que adverte". Também originando da língua latina, Claude Kappler informa que a essência de tal palavra estaria na raiz men, que indica os movimentos mentais. Dela surgiram as famílias de termos como monere, com o sentido de advertência divina, que com o tempo originou primeiro monistrum e depois monstrum e monstrare. José Gil conclui que monstro originou da palavra monstrare e que essa possui a ideia de "ensinar um comportamento, prescrever a via a seguir".* (LEITE, 2012, p. 561)

Dentro dessas elucubrações sobre uma etimologia e genealogia do termo, podemos entender então a monstra/monstro/monstre como quem mostra ou revela algo (IEDA, 1999; COHEN, 2000; LEITE, 2007) ou como uma caricatura da natureza (GIL, 1997, p. 49). Enquanto uma manifestação daquilo que é fora do comum, que gera estranheza e produz sismos, precisamos compreendê-la e reconhecê-la, antes de tudo, como uma categoria do pensamento (LEITE, 2012, p. 562). O pensamento também está no corpo.

Cada época histórica tem suas monstras/monstros/monstres e, em consequência, propõe para este campo suas teorias, suas explicações, seus motivos e suas origens (TUCHERMAN, 1998, p. 6).

Se as monstruosidades variam de acordo com a sua época, assim também é o corpo. Na história humana o corpo sempre sofreu alguma espécie de manipulação (ANGEL, 2023). Não podemos perder de vista que o corpo – esse híbrido entre biologia e cultura – é uma construção que varia de acordo com o seu momento histórico. Como afirma Denise Bernuzzi de Sant'Anna na introdução do livro "*Políticas do Corpo"*:

> "Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo." (SANT'ANNA, 1995, p. 12)

Ao longo do tempo o corpo é (re)fabricado e, assim também, são as monstruosidades. Nesse sentido, corpa e monstra são mais resultados das culturas que variam no tempo-espaço do que da biologia em si.

Monstras, monstros e monstres... Sendo crias das rupturas e do contexto de cada período,

caminhantes das fissuras, bailarinas monstruosas das brechas, habitam, transgridem e borram os limites das terras, dos corpos, do humano, inumano, animal, vegetal, mineral, anjo, demônio, alien, homem, mulher, homo, hétero, bissexual, *cyborg*, conhecido, desconhecido (LEITE, 2012, p. 562). Criaturas da limiaridade.

Aqui, estamos operando com a perspectiva da categoria monstra enquanto uma manifestação possível de existência e afirmação política da diferença. Então, por monstruosidade, isto é, aquilo que nos torna monstras, como um conjunto de marcadores sociais da diferença e intersecções (AKOTIRENE, 2018; DAVIS, 2016), que nos atravessam a carne por nossa forma de ser e estar no mundo (NASCIMENTO, 2021, p. 291), transgredindo o limite do natural e a lei civil, religiosa ou divina (FOUCAULT, 2002, p. 79). Pelo embaralhamento interseccionado - também conhecido como babado *feat*. confusão - de marcadores sociais, extrapolamos as noções de identidade como algo seguro e estável, instaurando estranhezas. Escapando da assimilação e captura pela elaboração de códigos complexos de compreensão. Problemas.

Marcas e intersecções, que por sua vez, são manifestas em nossas corpas e corpos e geram desestabilizações: monstra é quem mostra algo, é quem sempre escapa e é quem sempre volta. Nascemos e nos deslocamos em travessia nos limites e nas encruzilhadas dos tempos e espaços (COHEN, 2000, p. 26-27).

Sexualidades não hétero, gêneros-diversos, modificações corporais não hegemônicas, classe, origem, crença e raça são alguns marcadores que se atravessavam e interseccionaram tanto em mim, quanto no grupo focal com quem realizei a pesquisa de campo do monstrado e que colaboraram generosa e imensamente com a construção da pesquisa, como também nas epistemologias insurgentes que foram a base de tudo. Multidões monstras estiveram comigo o tempo todo espantando a solidão da pesquisa acadêmica. É como se eu ouvisse Maria Bethânia sussurando em melodia no meu ouvido: *"não mexe comigo, eu não ando só, eu não ando só"*.

Há também que se considerar o processo de reapropriação e resignificação da palavra. Monstra foi e é usualmente um adjetivo utilizado enquanto uma ofensa, uma desqualificação e uma negação ou um não reconhecimento de humanidade (NASCIMENTO, 2021, p. 291). Reapropriação e resignificação da palavra assim como aconteceu antes com as palavras *queer* (bixa) pelas pessoas sexo-gênero dissidentes (LOURO, 2020), *crip* (aleijado) pelas pessoas com deficiência (MCCRUER, 2006) e *freak* (aberração) pelas pessoas da comunidade da modificação corporal (ANGEL, 2023). Considera-se ainda a importância da *Teoria Queer* para que esses processos e saberes aberrantes (LAPOUJADE, 2015) fossem possíveis. As teorias são feitas por pessoas, vidas corporais e por lutas coletivas: multidões, imensidões.

Se o poeta francês Alfred Jarry definiu que monstro é *"toda beleza de origem inesgotável*"

(apud MORAES, 2002, p. 123) é importante lembrar, como nos provocou o escritor, também francês, Georges Bataille ao dizer que "*quanto maior a beleza, maior a ignomínia"*. E nunca esquecer, como propõe Jorge Leite Junior, que a *"monstruosidade é a infinita e possível mixagem, união e ou borramento entre as categorias socioculturais*" (LEITE, 2012, p. 562).

Pensando a mixagem e hibridismo, é fundamental considerarmos que existem e florescem diversos modos e formas de monstruosidades. Quando falamos monstro, monstre ou monstra não estamos trabalhando na perspectiva generalizante, universal, estereotipada e cristalizada sobre essas possibilidades de manifestação. Com o cruzamento da minha biografia/necrografia, com a bibliografia selecionada, o trabalho de campo e essas múltiplas biografias, esse dado fica evidente e explícito. É um grão de areia.

Por fim, e não menos importante, é compreender esse nosso recorte de monstruosidade enquanto uma eufórica exploração da potência do próprio corpo, transformando-o em um campo de batalha como nos convidou a fazer a artista Barbara Kruger, transformando-o em um fervo e uma festa como propôs Eduardo Galeano (GALEANO, 2007, p.138). Uma reivindicação de si. É compreender o nosso recorte como a vida e a sua radical e poética expansão.

Como *Nimona*[1] diz, sem poder se metamorfosear ela não morreria no sentido literal, mas também não estaria vivendo. Não é sobreviver. É sobre viver. Nós já nascemos.

Recorte aqui ✂- -

Esquisita. Monstra. Viado. Sapata. Bixa. Preta. Gorda. Aberração. Monstro. Trava. Baitola. Monstro. Boiola. Anormal. Def. Endiabradas. Marginal. Vagabundo. Gorda. Mona. Transvestigenere. Monstre. Freak. Preto. Sapatona. Maldita. Travesti. Endemoniadas. Translesbichas. Bicho. Alienígena. Esquisitona. Sapa. Diaba. Monstrona. Grandona. Esquisita. Monstra. Viado. Sapata. Bixa. Preta. Gorda. Aberração. Monstro. Trava. Baitola. Monstro. Boiola. Anormal. Def. Endiabradas. Marginal. Vagabundo. Gorda. Mona. Transvestigenere. Monstre. Freak. Preto. Sapatona. Maldita. Travesti. Endemoniadas. Translesbichas. Bicho. Alienígena. Esquisitona. Sapa. Diaba. Monstrona. Grandona. Esquisita. Monstra. Viado. Sapata. Bixa. Preta. Gorda. Aberração. Monstro. Trava. Baitola. Monstro. Boiola. Anormal. Def. Endiabradas. Marginal. Vagabundo. Gorda. Mona. Transvestigenere. Monstre. Freak. Preto. Sapatona. Maldita. Travesti. Endemoniadas. Translesbixas. Bicho. Alienígena. Esquisitona. Sapa. Diaba. Monstrona. Grandona. Esquisita. Monstra. Viado. Sapata. Bixa. Preta. Gorda. Aberração. Monstro. Trava. Baitola. Monstro. Boiola. Anormal. Def. Endiabradas. Marginal. Vagabundo. Gorda. Mona.

[1] Nimona é a personagem protagonista de uma animação baseada em um quadrinho de mesmo nome. Indicada ao Oscar em 2024 na categoria melhor animação. Abordaremos a obra mais adiante.

DOI: https//doi.org/10.14295/reis.v8i1.14626

Transvestigenere. Monstre. Freak. Preto. Sapatona. Maldita. Travesti.

Recorte aqui ✂- - - -

de onde vivo e na escola em que estudei. A Revista Piauí noticiou na época o caso como "*A volta*"[4], eu gosto de pensar enquanto uma re-volta. Fragmentos da travessia.

Percebia naquele momento, em sala de aula, no chão da escola e no território, o impacto que o meu corpo monstruoso gerava. Muitas nuances e tantas camadas. O desconforto, a curiosidade, o medo, o incomodo, o encantamento, o nojo, o espanto me atravessando com olhares, gestos e palavras. A monstra aterroriza, gera repulsa mas também atrai e desperta desejo (COHEN, 2020, p.48). Havia algo de esquisito e pedagógico acontecendo naquele espaço que fiz a minha travessia na educação básica. Sem teorizar ou sistematizar, era apenas outra sujeita vivendo e construindo outra pedagogia. Tateando e percebendo esse sismo.

Entendendo que, se todo corpo tem potencial para ser pedagógico, ou em outras palavras, que não se faz pedagogia e educação sem corpo, pude ir observando os deslocamentos que a minha presença monstra gerava, despertava e aflorava em sala de aula: tanto pelo corpo que eu sou e tenho, mas como também pelo que esse corpo carrega enquanto repertório e episteme. São outros movimentos e saberes. Há o que está fora e há um universo dentro.

Passei a ministrar palestras e aulas com esse título "*Pedagogia do Esquisito"* e dizia sempre, "*é algo que estou vivendo nesse momento*". Abrindo brechas dizendo também que ela poderia se transformar em outra coisa em algum outro momento. Virar texto, vídeo, livro, pesquisa... ou talvez não virar nada, porque a experiência em si já estava sendo "a coisa". E pensando essa pedagogia pela perspectiva monstra, ela sempre escapa. Faz parte, faz parte...

Entendo que grande parte dos convites que tenho recebido para falar da "*Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações"* não é pelo que ela era mas pelo potencial provocativo que ela tem enquanto proposta e de onde ela partia. Assim, ela também foi sendo construída durante essas falas e compartilhamentos generosos que pude vivenciar. Prática, reflexão e pesquisa. Bloco por bloco. Retalho por retalho.

Outro ponto que é importante registrar é que os convites chegaram também porque a minha presença monstra dentro da educação institucional – propondo uma pedagogia esquisita – rompia e rompe com a expectativa depositada sobre mim e, manifestações e instaurações de estranhezas, como eu. Os estereótipos são reais, assim como seus efeitos práticos e materiais. É comum que as pessoas me vejam e tenham algumas impressões não muito agradáveis de primeira vista e é curioso porque quem consegue passar do primeiro contato, acaba confessando o pavor ou desconforto que

[4] Eu havia escrito um texto que viralizou no Facebook sobre esse retorno. Acabei recebendo o convite para falar sobre para revista. "A volta" é um texto escrito pelo jornalista Armando Antenore publicado em Junho de 2017 em versões impressa e digital. Na matéria sou tratada no masculino e na divulgação fui chamada de andrógino. Embora já me entendesse enquanto uma pessoa trans não-binárie, estava no processo de elaboração e afirmação de como gostaria de ser tratada. É certo que ali o masculino não me ofendia, embora já não fizesse sentido algum para mim. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-volta/>. Acesso em: 05 maio 2024.

sentiu ao me ver pela primeira vez como um pedido de desculpa e reparação.

Então, ao me verem, as pessoas mais reacionárias imaginam que eu não trabalho e, as que são um pouco menos *reaças* pensam que, se trabalho, obrigatoriamente precisaria ser com tatuagem e *piercing* como uma espécie de destino único e fechado. Quando eu falo que sou professora, que trabalho em escola pública, há um tipo de espanto quase sempre impossível de conter. Eu percebo, mona. Eu percebo.

Sei que muitos convites que recebo para falar sobre educação partem dessa relação: impacto, espanto, repulsa, ruptura, provocação e desejo que a proposta e a proponente monstruosas geram em espaços institucionais marcados profundamente pela normatividade. Eu sou uma vagabunda eficaz (DELIGNY, 2018) e tenho feito bom uso dessas experiências.

Em 2018, quando utilizei esse título de "*Pedagogia do Esquisito"* pela primeira vez em uma palestra na "1ª Semana Acadêmica Integrada da Faculdade de Caieiras", convite de uma amiga professora universitária e também monstra, preparei alguns *slides* que me acompanharia na fala. Era um auditório lotado. Eu tinha a experiência daquela pedagogia que estava sendo toda construída em meu corpo para ser compartilhada e um total de cinco laminas de *slides*: uma capa com o título; um sobre a definição da palavra esquisito; um sobre educação com imagens minhas em sala; um sobre diversidade com a imagem de um casal *freak* e *queer*; um último sobre inclusão citando a Declaração de Salamanca de 1994.

Falei sobre o revirar das vísceras, que dançam em festa, pois daquela primeira palestra, com seus cinco slides, a "*Pedagogia do Esquisito"* se tornou um curso em 2020 e 2021 de dois dias em cada ano, dentro da programação do *Transversalidades Poéticas*[5] no eixo Pedagogias que aconteceu no Centro de Referência da Dança da cidade de São Paulo - CRDSP. A ementa do curso intitulada como *"(De)Formação: Pedagogia do Esquisito*" dizia:

> *"Isso não é uma formação: é uma deformação. É uma destruição. É uma fricção. É uma ficção. É uma fruição. É uma transformação. É uma revolução.*
> *A deformação parte da biografia da T. Angel enquanto uma pessoa dissidente e seus diferentes atravessamentos na educação para se pensar sobre as relações que envolvem o ato de (des)ensinar e (des)aprender. Seja como discente. Seja como docente.*
> *A deformação se desorganiza da seguinte maneira:*
> *1) Aula teórica apresentando a biografia da T. Angel;*
> *2) Aula teoria apresentando a pedagogia do esquisito;*
> *3) Partilha de experiências no campo da educação pública;*
> *4) Construção de um esqueleto monstruoso de um plano de aula que pode ser hipotético;*
> *5) Partilha das monstruosidades construídas dentro ou fora da deformação.*
> *Em tempos de sucateamento da educação enquanto projeto político e de poder*

[5] O Transversalidades Poéticas foi um projeto artístico pedagógico que aconteceu no Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo – CRDSP em 2020/2021 proposto e coordenado por Solange Borelli, Vanessa Macedo e a Yaskara Manzini. Sua ação principal estava em fomentar e qualificar a dança investindo em sua pluralidade e singularidade. Foi pensado para ser realizado presencialmente e precisou ser adaptado para o virtual por conta da pandemia da COVID-19. Uma realização da Secretaria Municipal da Cultura e Cooperativa Paulista de Dança.

> *obscurantista, é urgente demarcar outros novos e estranhos territórios. Dinamitar. Apontar para o que está para além da fronteira. Fazer arder em chamas a normatividade compulsória. Chamas!"* (ANGEL, 2020)

Revisitar esse material me toma de emoção, sobretudo porque agora enquanto organizo esse Frankenstein de monstrado, vou me reapropriando do próprio processo de construção da coisa toda. Você sente o movimento comigo?

A última aula que dei sobre essa pedagogia, que aconteceu em novembro de 2023 para uma turma da "Educação escolar inclusiva" no Instituto de Psicologia da USP – IPUSP eu carregava 60 laminas de slides e um corpo mais monstruoso pelas experiências, vivendo a "*Pedagogia do Esquisito"* e refletindo sobre ela no monstrado. Conto isso enquanto registro e testemunho do processo de sistematização e práxis que ela vem passando e, sobretudo, para não esquecer das etapas, dos degraus e dos tropeços. Ah! Os tropeços...

A consciência histórica de que uma corpa como a minha ocupando aquela posição de professora ou palestrante não era comum hoje e impossível no passado me fazia encher o pulmão para dizer, "estamos aqui e agora, vivendo a *Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações"*. Estamos rabiscando linhas e imaginando possibilidades. Caminhando. Caminhantes. Sonhando.

A "*Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações"* tem como inspiração o "*Manifesto Freak"*[6] e está sendo articulada com dois pontos fundamentais:

1. A chegada e permanência de corpos dissidentes ocupando espaços/posições que historicamente foram negados, por exemplo, a educação institucional. Não apenas disputando narrativas, mas trazendo novas possibilidades e outras epistemologias. Movendo outros afetos e sensibilidades. Aproximando os movimentos sociais da educação e, ao contrário também.
2. Práticas pedagógicas emancipadoras e libertadoras que rompam com a normatividade compulsória na relação do ensino e aprendizagem. Reconhecemos obviamente que a representatividade é importante, todavia, reconhecemos também que há um perigo que a acompanha feito cavalo de Tróia. É preciso malícia para que não caiamos na armadilha da representatividade esvaziada, isto é, de nos aproximarmos de pessoas que supostamente deveriam nos representar – por compartilharmos alguma causa ou comunidade – e elas trabalharem contra a nossa população. Sobram exemplos.

"A *Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações"* busca atuar no sentido de produzir marcas de afeto e resignificar as marcas de outras dores, para docentes e discentes, para

[6] O *Manifesto Freak* é um texto de 2015 e que publiquei em 2016 no FRRRKguys. É um chamamento para pessoas dissidentes, freaks e monstras diante do cenário que vinha de construindo com a ascensão da extrema-direita e do fascismo no Brasil. Disponível em: < https://www.frrrkguys.com.br/manifesto-freak/>. Acesso em: 05 maio 2024.

que transformados, possam transtornar o mundo e intervir na normatividade compulsória. Pois se o poder requer corpos tristes para que possa nos dominar, nós buscaremos ser corpos que conscientes de si e de suas potências dancem furiosamente, metralhando o tempo e espaço com sorrisos vibrantes e barulhentos que preencham a imensidão. Buscar com essa pedagogia gerar pulsão e expansão da vida, "*ensinar a viver, não a morrer*" (DELIGNY, 2018, p.114). Somos imensas, rimos diante do perigo enquanto negação da dominação. Beijamos a beira do abismo, sem cair, e lambemos o fundo do poço, sem afundar. Nossa boca é vulcão em erupção. Lavas. Labaredas. Línguas bipartidas.

> "*O Poder requer corpos tristes. O Poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência porque ela não se rende. A Alegria como potência de vida nos leva a lugares onde a tristeza nunca levaria."* Gilles Deleuze
>
> *"Não podemos fazer a luta contra o machismo, contra o racismo, contra o neoliberalismo, contra a pandemia, contra tudo que cotidianamente vivemos com corpos adoecidos, com corpos entristecidos, com corpos deprimidos. Porque uma das intencionalidades do sistema patriarcal é que as mulheres tenhamos corpos infelizes. E infelizes não podemos lutar"*Lorena Cabnal, Derechos humanos de las humanas

MONSTRO

MONSTRO

Todas as imagens que ilustram o presente artigo foram compostas por mim durante a realização do monstrado, partindo da afetação do trabalho de campo. Elas integram a obra "*Encouraçado de T. Angel*". Sangue ~~humano~~ monstro congelado em uma forma de coração, com palavras coletadas no campo em tiras de papel. O tempo se encaminhou do resto: ocultar, mostrar e se transformar. Poética e livremente se transformar. *Monstrificar*.

Referências

ANGEL, T. **A história da modificação corporal no Brasil – 1980-1990 – 2ª Edição**. Curitiba: Editora CRV, 2023.

ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Tradução Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELIGNY, Fernand. **Os Vagabundos Eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

_____. **Semente de crápula: conselho aos educadores que gostam de cultivá-la**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **História da Sexualidade. v.1: A vontade do saber**. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. **Uma estética da existência**. In M. Foucault (Ed.), Ética, sexualidade, política (pp. 288-293). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004.

_____. **O poder psiquiátrico: O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974).** São Paulo: Martins Fonte, 2006.

_____. **Em defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo, Martins Fontes: 1999.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão – 42ª edição**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, PAULO; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular – 2ª edição**. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – 26ª edição**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido – 10ª edição**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

_____. **Pedagogia do Oprimido – 86ª edição**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GIL, José. **Monstros**. Lisboa, Quetzal Editora, 1994.

GREINER, Christine. **Corpos Crip: instaurar estranhezas para existir**. São Paulo: N-1 Edições, 2023

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Pernambuco: Cepe Editora, 2000.

_____. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova Iorque, Londres: New York University Press, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Papirus, 2003.

LEITE JR, J. **Monstros usam roupas? A veste nos monstros e a monstruosidade nas vestes**. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, *[S. l.]*, n. 36, p. 271–298, 2022. DOI: 10.26563/dobras.i36.1616. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1616>. Acesso em: 17 fev. 2023.

_____. **Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidade transgêneras**. Ref – Revista Estudos Feministas, v. 20, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1905>. Acesso em: 17 fev. 2023.

_____. **Monstros, bufões e freaks: riso, medo e a exclusão dos anormais**. Caderno dos doutores da alegria. n. 2, 2006.

_____. **O que é um Monstro?** Portal da Secretaria da Educação do Estado do Paraná. 2007. Disponível em: <O que é um monstro? - Filosofia & Ciências - Disciplina - Filosofia (seed.pr.gov.br)>. Acesso em 10 fev. de 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer – 3ª edição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

_____. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes.; NECKEL, Jane Felipe.; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo,**

gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MCRUER, Robert. **Crip Theory: cultural signs of queerness and disability**. Nova Iorque: New York University Press, 2006.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

_____. **Rastros de uma Submetologia Indisciplinada**. Concinnitas. ano 17, volume 01, número 28, 2016. p. 334-354.

_____. **Pode um cu mestiço falar?** [S.I.]: Medium, 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 30 jan. 2024.

NASCIMENTO, Letícia C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

_____. **Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia**. Inter-Legere, Natal, v.3, n.28, p.1-22, 2020.

_____. **Monstra-Florescer: Feminilizando práticas educativas**. In: ADAD, S.J.H.; LIMA, J.D.S.; BRITO, A.E. (Org.). Práticas educativas: múltiplas experiências em educação. Fortaleza: EdUECE, 2021, p.286-306.

PERRA, Hija de. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma**. Revista Periódicus, 2a edição, novembro 2014 - abril 2015.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Zahar. São Paulo. 2020.

_____. **Multidões queer: notas para uma política dos anormais**. In Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.

_____. **Eu sou o monstro que vos fala**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do Corpo**. SP: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), **Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

STELARC. **From Psycho to Cyber Strategies: Prosthetics, Robotics and Remote Existence, Cultural Values**. October, vol. 1, no. 2, pp. 241-249, 1997.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Veja, 1999.

Manifestos

ANGEL, T. **Manifesto Freak**. 2015. Disponível em: <https://www.frrrkguys.com.br/manifesto-freak/>. Acesso em: 30 jan 2024.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Ponta Grossa: Editora Monstro dos Mares, 2022.

KOYAMA, Emi. **The transfeminist manifesto**. In: DICKER, Rory; PIEPMEIER, Alison (orgs.). Catching a wave: reclaiming feminism for the 21st century. Líbano: Northeastern University Press, 2003. P. 244-259.

LAPPONI, Estela. **Anti-inclusão Manifesto**. 2012. Disponível em: <https://estelapponi.blogspot.com/2012/05/anti-inclusao-manifesto.html>. Acesso em: 30 jan 2024.

LUSTOSA, Tertuliana. **Manifesto traveco-terrorista**. Revista Concinnitas, v. 1, n. 28, p. 384-409, 2016.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

YORK, Sara Wagner, OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes, & BENEVIDES, Bruna. (2020). **Manifestações textuais (insubmissas) travesti**. *Revista Estudos Feministas*, *28*(3).

ZPIRA, Lukas. **Body Hacking Manifesto 2.0**. 2004. Disponível em: <https://www.frrrkguys.com.br/body-hacking-manifesto-2-0-de-lukas-zpira/>. Acesso em: 30 jan 2024.

T. Angel

É Professora de Educação Básica II – PEB II na rede estadual de São Paulo. É mestranda em educação pela Faculdade de Educação da Universidade São Paulo - FEUSP. – t.angel@usp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2624-413X